

MEMÓRIA, LAZER E COTIDIANO NA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA/BA

MILTON LEANDRO SANTOS LEITUGA*

Introdução

Ao longo da história, a cidade sempre serviu de base tanto material, para a realização da estrutura social, quanto como cerne da divisão social, territorial e técnica de trabalho, que, conseqüentemente, arquitetava o sistema produtivo em seu determinado tempo histórico, contraditoriamente, sendo por esse também arquitetado. Com o processo de industrialização segundo Sposito¹ e, por conseguinte, a homogeneização das relações sociais capitalistas, que intensificaram a ideia de espaço enquanto mercadoria para suprir as necessidades do mercado mundial, o conteúdo do urbano, como afirma Lefebvre², foi modificado, passando a apresentar um novo caráter ideológico, que absorve e impõe formatos que alteram o cotidiano das pessoas, gerando espaços segregados de convivência dos cidadãos. Assim, a cidade reproduzida como mercadoria legitima a segregação, na qual o cotidiano do lazer, as relações de trabalho capitalistas e o consumo por classe segregam e separam cada vez mais o cidadão.

Nessa perspectiva, até que ponto, o urbano, com toda a especificidade conquistense, avança em direção ao global, no sentido da absorção de certos estilos de vida, relacionados às expressões artísticas e culturais hegemônicas, direcionadas ao consumo? Isso dá uma nova conotação e, por conseguinte, faz aparecer novas formas de relações entre os centros e as periferias. Por essa via, a produção do espaço urbano de Vitória da Conquista/BA também coaduna com o modo de produção vigente, em que, a partir da década de 2000, viu seu crescimento em pleno desenvolvimento na construção de espaços físicos, tanto de moradia quanto de lazer e consumo de massa se estabelecer.

Dessa forma, o presente projeto tem por meta pesquisar a construção da memória, no que se refere ao cotidiano do lazer, e seus impactos na cidade de Vitória da Conquista/BA e na estruturação no imaginário do urbano. Entendemos que é no local de desenvolvimento da vida cotidiana dos habitantes, seja no lazer, trabalho, nas relações estabelecidas entre os vizinhos e nos lugares de significância das atividades das mais variadas possíveis, que surge o urbano inerente à cidade. Dessa maneira, urge a necessidade do entendimento dos impactos causados ao cotidiano dos moradores nas áreas a serem estudadas.

A cidade fica localizada ao sul da Chapada Diamantina, mais precisamente no Território de Identidade de Vitória da Conquista, sendo o município um grande influenciador e captador de recursos e investimentos. No modelo de urbanização que está sendo adotado no estado da Bahia, o município exerce forte papel regional sobre as demais cidades vizinhas, com uma população total de 306.866 habitantes, dados segundo o IBGE, no Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010).

Vitória da Conquista/BA, por ser uma cidade média que exerce grande expressão regional sobre as demais localidades, é alvo de

investimentos tanto na construção civil, como no setor terciário. Assim, foram selecionadas as seguintes áreas para serem pesquisadas: a Lagoa das Bateias, nas imediações dos Bairros Santa Cruz e Santa Helena, a Av. Olívia Flores, que fica nos bairros Recreio e Candeias e a Praça da Juventude, localizada no bairro Guarani.

Nesse sentido, de que forma as cidades médias baianas, concentrando investimentos em determinados setores, os quais dão uma maior margem de lucro para os financiadores, não estariam produzindo novas contradições em que o centro e a periferia se redefinam e seus usos se focam nas relações ditadas pelo modelo globalizante. Dessa forma, deseja-se, através da análise da memória cotidiana, entender como se configura o movimento dialético entre o que é local e o que vem de fora.

Outro ponto importante é verificar quais são as consequências desse novo urbano, que se sobrepõe ao que já existia, e como rebatem os discursos de modernização e desenvolvimento das socializações entre as pessoas; ou seja, o que está por trás desse fenômeno? Será que não há um aprisionamento nos espaços segregados e uma diferenciação social entre quem frequenta cada um destes espaços públicos de lazer?

Cada vez mais, as ciências humanas tem o comprometimento de dar um suporte teórico e técnico para o entendimento das relações humanas que se materializam no território. Nesse sentido, o presente projeto de pesquisa se justifica pela necessidade de maior compreensão da realidade, no caso, o estudo do cotidiano do lazer em Vitória da Conquista, em um período em que a urbanização é fortemente caracterizada por modificações na estrutura das relações capitalistas.

Como parte-se do princípio de que a cidade é um espaço de livre circulação da população para lazer, entretenimento e cultura, mesmo que na prática isso não se realize, urge a necessidade de se fazer um estudo mais aprofundado sobre qual é o propósito desse projeto-modelo de

cidade. Nesse sentido, a pesquisa levantará questões importantes, com base na análise do cotidiano no urbano. Assim, esmiuçará o lazer no tempo do não trabalho em Vitória da Conquista, tentando fazer esclarecimentos sobre como se processa no espaço urbano a sua materialização.

Os estudos de autores como Pires³, Nasser⁴ e Carlos⁵, trazem um marco teórico referente ao estudo do cotidiano do lazer sob a égide da urbanização capitalista. Além disso, em outra pesquisa, sobre urbanização e fragmentação do cotidiano na cidade de Vitória da Conquista/BA, foram elaboradas ideias iniciais sobre o tema, por Leituga⁶.

Como o tema proposto para o estudo é relativamente inovador, no caso das pesquisas sobre as cidades médias baianas, percebe-se que, ao aprofundar nas discussões sobre o cotidiano do urbano na perspectiva do lazer, pouco se tem de referencial teórico. Sendo assim, o trabalho levantará novas interpretações de como ocorre à reprodução do urbano, em função da perspectiva de análise das contradições geradas nessa lógica, que vem com a intensificação da urbanização capitalista.

Este projeto tem como objetivo central analisar a estruturação do cotidiano do urbano na perspectiva do lazer em Vitória da Conquista, pensando suas implicações face às mudanças ocorridas no processo de urbanização.

Cotidiano do Lazer

Para analisar o fenômeno da urbanização, de acordo com Seabra⁷, suas causas, fundamentos e consequências no espaço geográfico, deve-se partir de um complexo debate sobre seu conceito, bem como sua ligação ao processo histórico, sem perder de vista as fortes investidas do modo de produção capitalista, que se disseminou por todo o território global.

Um modelo de urbanização intensificado, que prioriza a homogeneização do espaço para a reprodução da sociedade consumista, com legitimação do Estado, coadunando com interesses dos grupos dominantes, ainda que tal homogeneização nunca se realize plenamente.

O conceito de urbanização, segundo Sposito⁸, que se enquadra com a linha de pesquisa adotada, é o entendimento do mesmo enquanto processo de longa duração, que não está ligado somente ao modo de produção capitalista. Mas, este estudo se focará, em específico, na lógica desse modo de produção vigente.

Como afirma Lefebvre⁹, o urbano é o conteúdo da urbanização capitalista, não se deve priorizar apenas a observação da forma, a cidade, porque dessa maneira não se dá conta da discussão dessa temática.

Nessa direção, definida, segundo Carlos¹⁰, como obra humana, o entendimento da cidade está ligado, portanto, à evolução das relações de trabalho, a transformação da natureza pelo homem, e a um determinado tempo histórico, ou seja, ao urbano e à urbanização. Assim, a cidade, na presente pesquisa, será entendida e estudada no que se refere a sua complexidade na contemporaneidade.

Também segundo Lefebvre¹¹, o cotidiano é a ordem próxima, ou seja, as relações mais íntimas que se dão no seio citadino. O urbano é a distante. O último se sobrepõe ao primeiro, produzindo uma cidade mercadoria, que marcam o cotidiano citadino, reproduzindo a lógica da sociedade urbana.

Para Carlos¹², o entendimento do lugar passa a ser foco de uma linha de pensamento, que envolve o conteúdo do imaginário urbano e sua fundamentação. O trabalho, lazer e habitação, no plano do dia a dia, se fragmentam inseridos no capital e reproduzidos como foco de aprisionamento do homem moderno. Sendo assim, alienado em sua produção espacial, esse ser social se transforma em mero objeto para

usufruto das ideologias capitalistas e não percebe “as grades” que o prendem em seu cotidiano.

Dessa maneira, Gil e Gil Filho¹³, abordam que a construção do cotidiano citadino se dá na perspectiva da apreensão dos moradores, como a conversa entre vizinhos e o ir e vir pelas ruas do bairro. São experiências vivenciadas pelos diversos grupos sociais, ordenadas e coordenadas, porque o tempo do trabalho, do lazer, dentre outras atividades rotineiras, fazem parte de um sistema produtivo que controla o tempo e o espaço humano para exclusividade de reprodução de suas necessidades.

Isso fica claro quando percebe-se o fluxo de pessoas nos tempos marcados da cidade, como os trabalhadores e estudantes no percurso de casa para escola e trabalho; no caminhar nos parques e praças públicas, dentre outras formas de circulação que marcam a apropriação dos transeuntes nas cidades capitalistas contemporâneas.

Ao se referir ao estudo do cotidiano, segundo Petersen¹⁴, o entendimento epistemológico é de fundamental importância para que a construção do conceito não incorra em equívocos e não dê conta de expressar o quanto é importante o estudo da vida cotidiana. Para a autora:

[...] o conhecimento é uma apropriação do objeto material real pela via da razão, percepção sensorial, intuição, etc. Essa apropriação é um processo complexo, dinâmico, no qual ocorrem múltiplas interações. Há nele um diálogo permanente entre objeto e sujeito, entre ser e consciência social, cujos termos têm ocasionado inúmeras discussões filosóficas e epistemológicas que ultrapassam o limite deste texto¹⁵.

Contudo, a mesma demonstra que a apropriação do sujeito pelo objeto não é tão simples como se apresenta, pela complexidade que se dá na relação entre os dois. Ou seja, nem o segundo é estático e passivo de ser apreendido de forma ordenada, como também o primeiro não é

mero reflexo inoperante do mesmo. Dessa maneira, a crítica levantada ao estudo do cotidiano, na perspectiva das ciências empíricas na obra supracitada, refere-se a seus desdobramentos na mera descrição sem aprofundamento do conteúdo de sua construção social.

No que se refere ao conceito de memória, o que se aproxima dessa pesquisa é o de “memória coletiva” de Halbwachs 16. Dessa maneira, a mesma se insere na relação com a proximidade do lugar e sua interação com os indivíduos.

Também tendo o lugar como categoria de análise da memória, Nora¹⁷ aponta:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões da eternidade.¹⁸

Dessa maneira, o lugar deixa suas marcas de um passado que já não existe mais, como testemunha do momento histórico, cujas interpretações e análise de processos ligados à época são de suma importância para seu entendimento. Sendo assim, como o lugar é a ponte que liga os processos da memória e cotidiano do lazer, na presente pesquisa, é de extrema necessidade compreendê-la ligada a essa categoria.

Vitória da Conquista é entendida como cidade média de acordo com uma série de características, como quantidade populacional e seu papel regional sobre as demais, que contribui para a caracterização de cidades médias proposta por Soares¹⁹. Os autores discutem que a grande

especialização do trabalho e a demanda por serviços especializados, que não são oferecidos nas cidades circunvizinhas, se manifestam como características dessas cidades, porque há um maior fluxo migratório de mão-de-obra especializada para essas áreas, que, com a promoção de discursos, como melhor qualidade de vida, dentre outros, se tornaram lugares atrativos.

Todavia, discutir o lazer nessa perspectiva, nos remete a seguinte afirmação:

[...] refletir sobre o cotidiano dos excluídos significa apreender suas estratégias e formas de sobrevivência *ciclicamente* construídas no dia-a-dia, enquanto o cotidiano dos incluídos, ao contrário, define-se pelo tempo *linear* de trabalho estabelecido pelas relações capitalistas de trabalho²⁰.

O trecho acima coaduna com a proposta da referida pesquisa, quando evidencia como se estrutura o cotidiano de uma sociedade baseada em classes, em que as mesmas se contextualizam na apropriação e produção de seu cotidiano sob a égide do modo de produção vigente. Para Pires²¹, se define da seguinte forma:

[...] o lazer, nas suas relações interdisciplinares na sociedade, contribuir para o descanso, o divertimento e o desenvolvimento humano e social, estamos reconhecendo que, diferentemente de uma função, o desenvolvimento humano por meio do lazer deve ser percebido como uma dimensão cultural da vida humana, isto é, uma dimensão da dinâmica cultural, que faz dialogar o campo das possibilidades e dos limites, do querer e do poder, do potencial e do realizável.²²

Ou seja, a ideia que concretiza o lazer se configura no tempo marcado do descanso e do não trabalho. A sociabilidade dos homens modernos se encontra inserida em uma cultura que, segundo o autor,

deve ser definida enquanto dimensão da reprodução da vida e não enquanto um funcionalismo que, por parte do sistema produtivo, se volta para uma atividade de consumo.

Contudo, fica claro como o lazer se constrói e evidencia-se no cotidiano:

[...] que uma das características das funções de descanso, divertimento e desenvolvimento atribuídas ao lazer é o fato de serem conformadas por fronteiras porosas, permeáveis, intercambiáveis. Com isso, se está reconhecendo o fato de que uma mesma atividade, entendida no continuum da vida cotidiana, pode apresentar aspectos de diferentes funções, sendo classificada, todavia, em uma delas, a partir daquilo que lhe é predominante, a exemplo do que Dumazedier sugere para justificar o quadro de interesses e conteúdos culturais do lazer.²³

A passagem supracitada elucidada como o lazer enquanto processo social tem no cotidiano citadino o fundamento de tornar-se sua construção cultural. Um questionamento nos vem em mente: como é possível, no processo atual de ampla atuação da sociedade de consumo, e, principalmente, do aprisionamento do tempo do ócio e do não-trabalho, perceber o conteúdo cultural que se insere nesse lugar? Em sua diversidade, que não se associa com acessibilidade, como democratizar seu uso por parte dos mais pobres?

Na continuidade do raciocínio, abre-se uma lacuna na relação do tempo estabelecido do lazer na contemporaneidade, pois, de acordo com Pires²⁴:

Se não, vejamos: a ideia do “descanso” encontra suporte relativamente fácil – ainda que sem consensos à vista -, tanto de caráter filosófico e religioso, quanto, na modernidade, no âmbito da sociologia do trabalho. O chamado “ócio” (criativo ou não!) acompanha a trajetória humana, ora visto como virtude, ora como atitude deletéria. Já o “divertimento”, na contemporaneidade, confunde-se com o entretenimento, ungido que foi como uma quase obrigação, algo que precisamos buscar em nosso aludido “tempo livre”, sob qualquer

pretexto e, principalmente, a qualquer preço, já que é cada vez mais difícil dissociar tal função da dimensão do espetáculo e do consumo²⁵.

O autor faz um levantamento, relacionando o lazer na trajetória social humana. Ao fazer referência à perspectiva da modernidade inserida na sociologia do trabalho é percebido como esse mesmo se encaixa no circuito da mercadoria. Dessa maneira, entender o tempo do ócio no cotidiano citadino é perceber que o lazer, ora definido como atividade vinculada a uma construção da cultura popular, na atualidade, cada vez mais se encontra no circuito das trocas capitalistas.

Essa apreensão do tempo do não trabalho é regida pelo capital de tal maneira que o lugar, enquanto base e estrutura concreta do desenvolvimento da vida cotidiana, se torna palco da representação social urbana.

A elaboração da pesquisa se fundamenta na análise das contradições produzidas na cidade, para revelar como se processa a apropriação dos diversos espaços pelos diferentes sujeitos. A leitura de autores como Lefebvre²⁶, Souza²⁷, Sposito²⁸, dentre outros, dará suporte para a discussão do tema proposto. Segundo Moraes e Costa²⁹, o entendimento do método de interpretação segue a linha filosófica e as posturas políticas e ideológicas seguidas na pesquisa, e em qual método se fundamenta o pesquisador. Já o método de pesquisa se pauta no mapeamento das localidades estudadas e entrevistas com a população para revelação dos usos referentes à pesquisa e observação em campo.

Para o desenvolvimento da pesquisa empírica, será realizada uma investigação em campo nas seguintes áreas: Av. Olívia Flores, Parque Lago das Bateias e Praça da Juventude, com o objetivo de aplicar questionários e entrevistas com os seus usuários e entender as especificidades de cada localidade, as escalas de influência de cada espaço, saber como se estrutura a área estudada, mapear e fotografar

seus usos e em específico o lazer, para identificá-las no que diz respeito aos diversos sujeitos que se apropriam de tais locais.

As entrevistas serão feitas na perspectiva da História Oral na proposição de Portelli³⁰, e da seguinte maneira: nas áreas estudadas com um morador antigo, para saber como se configurava a memória da vida cotidiana e as transformações ocorridas frente aos ditames do lazer capitalista, e sua apropriação do tempo do ócio.

Ainda no que se refere à pesquisa empírica, serão elaboradas bases cartográficas para mapear a realidade estudada, bem como os fluxos e a mobilidade urbana, no uso dos supracitados espaços de entretenimento da cidade.

Por fim, a análise da memória na perspectiva do lazer urbano, no que se refere à urbanização, cujo cerne é a produção de novas contradições na sociedade, não está intensificando a apropriação desigual de espaço urbano de Vitória da Conquista, em um período em que a urbanização é fortemente caracterizada por modificações na estrutura das relações capitalistas.

Notas

* Mestrando pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Título: Memória, Lazer e Cotidiano na Cidade de Vitória da Conquista/BA: o caso do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias. Orientação: Felipe Eduardo Ferreira Marta. E-mail: leitugageo@gmail.com

¹ SPOSITO, Maria Encarnação B. *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo*. 2004. 508 f. Tese (Livres Docência)-UNESP, Presidente Prudente, 2004.

² LEFEBVRE, Henri. Espaço e Política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

³ PIRES, G. L. Lazer e Formação Cultural. In: *Seminário o lazer em debate IX*. Anais. São Paulo: USP/Leste - SENAC/SP, 2008. v. Único.

⁴ NASSER, Ana Cristina Arantes. Sair para o mundo - trabalho, família e lazer: relação e representação na vida dos excluídos. In: LADISLAU, Dowbor;

Samuel, Kilsztajn. (Org.) Economia Social no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2001, v. , pp. 305-314.

⁵CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. 1. ed. São Paulo-SP: Labur Edições/GESP, 2007. v. 1. 74p.

⁶LEITUGA, M. L. S. A Fragmentação do Cotidiano no Urbano de Vitória da Conquista/BA. 2012. 1000f. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2012.

⁷SEABRA, O. C. L. Urbanização e fragmentação: a natureza natural do mundo. *In: Revista do Departamento de Geografia*. UFES, Vitória/ES, v. 1, n. 1, p. 73-78, 2000.

⁸SPOSITO, op. cit., 2004.

⁹LEFEBVRE, Henri. Espaço e Política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

¹⁰CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. 8. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

¹¹LEFEBVRE, op. cit., 2008.

¹²CARLOS, op. cit., 2007.

¹³GIL, A. H. C. F. ; Gil Filho, S. F. . Geografia do Cotidiano: Uma Leitura da Metodologia Sócio-Interacionista de Erving Goffman. *Ateliê Geográfico*, v. 2, p. 102-118, 2008.

¹⁴PETERSEN, S. R. F. O cotidiano como objeto teórico ou o impasse entre ciência e senso comum no conhecimento da vida cotidiana. *In: MESQUITA, Zilá; Brandão, Carlos, Roberto. (Org.). Territórios do cotidiano*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Editora da Universidade Luterana do Brasil, 1995, v. , pp. 30-39.

¹⁵Idem

¹⁶HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Tr. de Laurent Léon Schaffter. Editora Revista dos tribunais, São Paulo: 1990.

¹⁷NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *In: Revista do programa de Estudos Pós graduados em História, do Departamento de História da PUC*. São Paulo: São Paulo, SP, 1993.

¹⁸Idem.

¹⁹SOARES, Beatriz Ribeiro. Cidades médias: uma revisão bibliográfica. *In: ADILSON Francelino Alves; Luiz Carlos Flávio; Roseli Alves dos Santos. (Org.). Espaço e território: interpretações e perspectivas do desenvolvimento*. 1 ed. Francisco Beltrão -Paraná: Unioste, 2005, v. , pp. 273-286.

²⁰NASSER, Ana Cristina Arantes. Sair para o mundo - trabalho, família e lazer: relação e representação na vida dos excluídos. *In: LADISLAU, Dowbor; Samuel, Kilsztajn. (Org.) Economia Social no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, v. , p. 7

²¹PIRES, G. L. Lazer e Formação Cultural. *In: Seminário o lazer em debate IX*. Anais. São Paulo: USP/Leste - SENAC/SP, 2008. v. Único.

²²Idem.

²³Idem.

²⁴Idem.

²⁵Idem.

²⁶LEFEBVRE, op. cit., 2008.

²⁷SOUZA, Marcelo Lopes de. *ABC do desenvolvimento urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

²⁸SPOSITO, op. cit., 2004.

²⁹MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, W. M. *Geografia Crítica: a valorização do espaço*. 4ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. v. 1. 200p

³⁰ PORTELLI, A. Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Revista Projeto História*. São Paulo. Educ, n. 15, 1997.

Data de envio: 02/02/2014.

Data de aceite: 13/02/2014.